

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**FACULDADE DE MEDICINA**  
**DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL**

**KAMILLA CHRISTINA FERRAIUOLO DA SILVA**

**TERAPIA OCUPACIONAL NA ATUAÇÃO COM CRIANÇAS**  
**HOSPITALIZADAS: uma revisão de literatura**

**RIO DE JANEIRO**

**2015**

**KAMILLA CHRISTINA FERRAIUOLO DA SILVA**

**TERAPIA OCUPACIONAL NA ATUAÇÃO COM CRIANÇAS  
HOSPITALIZADAS: uma revisão de literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Terapia Ocupacional

Orientadora: Monica Villaça

Coorientadora: Rosa Maria de Araujo Mitre

**RIO DE JANEIRO**

**2015**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida. Por me ajudar a vencer todas as minhas dificuldades e me fazer crescer diante delas.

A mãe, Kathya, por trilhar junto a mim, de mãos dadas, os caminhos já que percorri e as estradas que se desenham a minha frente.

A minha irmã, Katherine, por estar presente me apoiando, por toda força e palavras de ânimo que me ofereceu em toda minha caminhada.

A toda minha família e amigos, principalmente meu pai, Henrique e Luan, por me amarem e acreditarem em mim.

As minhas amigas de faculdade, em especial, Emily, Mariana, Sofia, Ana Lídia e Fernanda, por estarem ao meu lado do início ao fim dessa jornada, por me proporcionarem momentos inesquecíveis e por nunca me deixarem desistir de nada.

Aos meus amigos brincantes, Anita, Fernanda, Rosa, Luana, Nayara, Mariana, David, Cléo, Raphael, Marina, Beatriz, Larissa, do Programa Saúde e Brincar, que me ensinaram a cada atendimento, me entenderam, ajudaram e não deixaram desistir, mesmo nas horas mais difíceis.

Ao Jonathas, por estar em meus momentos de angústia e desespero e mesmo assim continuar.

À minha orientadora Monica por ter compartilhado comigo experiências e conhecimentos, por ter acreditado em mim.

À minha coorientadora e exemplo Rosa que se comprometeu de forma inigualável, com toda a paciência e grande dedicação para que se tornasse possível a conclusão dessa monografia, além do convívio, do apoio, da compreensão e amizade. E por tanta influência na minha futura vida profissional.

À todas as crianças e mães que tive contato como uma brincante, por todo aprendizado e afeto. Pelas experiências que levarei para o resto da vida, tanto pessoal, quanto profissional.

Enfim, a todos que de alguma maneira fizeram parte e estiveram presente nessa caminhada. Muito obrigada!

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão da Graduação em Terapia Ocupacional tem como tema situar o panorama da Terapia Ocupacional na atenção à criança no contexto hospitalar. Para isso utilizou como metodologia a análise da produção de artigos das publicações específicas da área nos periódicos “Revista de Terapia Ocupacional da USP” e “Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar”. Foram utilizados os seguintes descritores na busca: “contexto hospitalar”, “contextos hospitalares”, “ambiente hospitalar” e “hospital”. No total da busca, foram encontrados 129 artigos, sendo 28 artigos do Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar e 101 da Revista de Terapia Ocupacional da USP. Após a análise, 116 foram descartados, pelo critério de não apresentarem relação com o tema da revisão. Destes 13 artigos restantes para a análise, 8 estão nos Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar e 5 na Revista de Terapia Ocupacional da USP. O material analisado foi organizado em quatro categorias temáticas: atuação geral da Terapia Ocupacional com crianças no contexto hospitalar; assistência a familiares de crianças hospitalizadas; atendimento a prematuros; enfrentamento da hospitalização. As produções foram analisadas por domínio, apresentando seus temas e pontuando informações que convergiam entre eles e o que há publicado. Percebemos, através das publicações encontradas nas revistas específicas da área, a importância dessa discussão na formação e na prática de terapeutas ocupacionais. Apesar de terem trabalhos analisados (13), entendemos que a produção de terapeutas ocupacionais no contexto da hospitalização infantil é mais ampla, havendo muitas publicações em livros e artigos de outras revistas da área da saúde que não foram analisadas neste trabalho. Pontuamos a necessidade de continuidade dessa revisão de forma mais ampliada posteriormente. Portanto, com esse trabalho, acreditamos na importância dos futuros profissionais de saúde estejam atentos para a sensibilização quanto ao cuidado da criança hospitalizada e a importância da continuidade de pesquisa e desenvolvimento dessa área.

**Palavras chaves:** Terapia Ocupacional, hospitalização infantil, contexto hospitalar, criança, revisão bibliográfica.

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	5
<b>2. OBJETIVO</b>	8
<b>3. APORTE TEÓRICO</b>	9
3.1 O HOSPITAL	9
3.2 TERAPIA OCUPACIONAL E CONTEXTO HOSPITALAR	10
3.3 A CRIANÇA NO CONTEXTO HOSPITALAR	11
<b>4. METODOLOGIA</b>	13
<b>5. RESULTADOS</b>	14
<b>6. DISCUSSÃO</b>	19
6.1 ATUAÇÃO GERAL DA TERAPIA OCUPACIONAL COM CRIANÇAS NO CONTEXTO HOSPITALAR	19
6.2 ASSISTÊNCIA A FAMILIARES DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS	21
6.3 ATENDIMENTO A PREMATUROS	22
6.4 ENFRENTAMENTO DA HOSPITALIZAÇÃO	23
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	24
<b>REFERÊNCIAS</b>	25
<b>ANEXO</b>	38

## 1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Terapia Ocupacional tem como tema a Terapia Ocupacional na atenção à criança no contexto hospitalar.

A temática surgiu a partir do questionamento vivenciado na disciplina “Contexto Hospitalar”, onde pude estudar sobre a história do hospital e a inserção da Terapia Ocupacional, principalmente o trabalho do profissional em um ambiente onde na maioria das vezes o paciente é visto apenas como a doença e não como um indivíduo com particularidades. Junto a isto, a realização de visitas técnicas em instituições, tendo contato direto com pacientes, técnicas e nomenclaturas utilizadas, profissionais de diversas áreas e cuidados em relação a precaução de contato, higienização das mãos e infecção hospitalar, foi capturando minha atenção para o tema.

Outra experiência que despertou meu interesse na pesquisa foi a realização do estágio no Instituto Fernandes Figueira, no Programa Saúde e Brincar, que é um programa interdisciplinar de atenção a criança e ao adolescente hospitalizado, que utiliza o brincar como principal elemento na elaboração da situação do adoecimento e internação e busca o resgate da rotina infantil dentro do hospital, atuando com crianças, equipes e acompanhantes.

Segundo a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP, 1997), a Terapia Ocupacional é um campo de conhecimento e intervenção em saúde, educação e esfera social. Trabalha a autonomia e independência de pessoas que por apresentarem alterações físicas, sensoriais, psicológicas, mentais ou sociais apresentam, de forma definitiva ou temporária, dificuldades na rotina, vida social e participação na sociedade. A utilização da atividade humana é a base das intervenções através do desenvolvimento de projetos terapêuticos específicos.

As especialidades da Terapia Ocupacional reconhecidas pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) são:

- Acupuntura
- Contextos hospitalares
- Contextos Sociais
- Saúde Coletiva
- Saúde da Família
- Saúde Funcional
- Saúde Mental (COFFITO, 2009)

A prática da Terapia Ocupacional na área hospitalar foi um marco inicial da profissão, sendo empregada, inicialmente dentro dos grandes asilos, nos quais a ocupação era utilizada como forma de tratamento junto a pacientes que apresentavam doenças mentais. Nesse período, ainda não existia a categoria da profissão Terapia Ocupacional e a prática desenvolvida nos hospitais psiquiátricos era denominada de “*ambientoterapia*” (CARLO; BARTALOTTI; PALM, 2004).

Pode-se dizer que a Terapia Ocupacional surgiu da ocupação dos doentes crônicos em hospitais psiquiátricos, por meio de programas recreativos e/ou laborterápicos e da restauração da capacidade funcional dos incapacitados físicos em programas de reabilitação (SOARES, 1991 apud GIARDINETTO; MARTINI; CRUZ; MONI; RUIZ; RODRIGUES; PEREIRA, 2009). A Terapia Ocupacional começa a ocupar lugar nos hospitais gerais com a atuação voltada também para a reabilitação física.

Para diminuição dos efeitos da hospitalização eram introduzidas atividades que visavam a ocupação dos internados, como atividades recreativas, de autocuidado e profissionais. Com isso, para Carlo, Bartalotti e Palm (2004), a reabilitação era uma forma de transformar o inválido em mão de obra atuante, sendo então a Terapia Ocupacional dividida em duas grandes áreas – física e psicológica, ensinando o paciente a viver dentro dos limites de sua incapacidade.

Segundo a Associação Científica de Terapia Ocupacional em Contextos Hospitalares e Cuidados Paliativos (ATOHOsP), no Contexto Hospitalar, o terapeuta ocupacional pode atuar em três áreas: a atenção intra-hospitalar, atenção extra-hospitalar e Cuidados Paliativos. A Atenção intra-hospitalar compreende a atuação em unidades de internação, ambulatórios, centro cirúrgicos, unidades de terapia intensiva, hospital-dia, brinquedoteca, unidades especializadas. A atenção extra-hospitalar engloba todo o cuidado realizado fora do ambiente hospitalar, envolvendo a visita, a assistência e a internação domiciliar. Já a área de atenção em Cuidados Paliativos marca a atuação em equipes multiprofissionais, junto a pacientes com condições crônicas degenerativas ou em tratamento, mas sem possibilidade de cura. Atuam com o paciente, assim como com familiares e pessoas que fazem parte do contexto do indivíduo no alívio da dor, nas perdas psicossociais e espirituais, além da busca pela qualidade de vida em meio ao processo de doença e terminalidade.

De acordo com Carlo, Bartalotti e Palm (2004), o profissional nesse contexto atua na promoção da saúde e da qualidade de vida mesmo no período da internação,

visando a humanização das relações interpessoais e do ambiente hospitalar, a promoção da capacidade funcional e o desempenho ocupacional, o que resulta na organização desse espaço, manutenção de um nível mais elevado de qualidade de vida, implicando maior motivação para recuperação da saúde e estado de humor do paciente e na relação paciente-profissional.

O terapeuta ocupacional tem como objetivo primordial a qualidade de vida do indivíduo hospitalizado, em torno do dimensionamento das condições e necessidades com o ambiente e da relação com família e equipe, considerando sua globalidade e integridade (PALM, 1997 apud CARLO; BARTALOTTI; PALM, 2004, p.10).

Na atuação com crianças, no contexto hospitalar, é importante o contato do profissional com o paciente desde o momento do diagnóstico, com acompanhamento até a recuperação e retorno ao convívio escolar, social e familiar ou nos casos onde não há chance de cura, a intervenção deve ser feita visando bem estar, conforto e qualidade na sobrevivência. Desta forma, há a busca em promoção de saúde e qualidade de vida ocupacional da criança hospitalizada, que na maioria das vezes utiliza como recurso o brincar, que é a principal atividade da criança, sendo este uma forma de comunicação com o profissional.



## **2 OBJETIVO**

Analisar artigos sobre a atuação da Terapia Ocupacional no Contexto Hospitalar Pediátrico nas revistas nacionais específicas da área.

### 3 APORTE TEÓRICO

#### 3.1 O HOSPITAL

Segundo Foucault (1979), antes do século XVIII, o hospital era uma instituição de assistência destinada principalmente aos pobres. A disposição espacial dos pacientes era feita de forma aleatória sem os devidos cuidados com transmissão das doenças. e muitas vezes o leito era dividido com mais de uma pessoa. O hospital servia para recolher o pobre e mantê-lo afastado da sociedade, já que por ser pobre e portador de doença, era considerado perigoso. Com isso, a função do hospital naquela época, era de ser o lugar onde as pessoas morriam. Não havia a prática médica nessas instituições, já que a medicina não era uma prática hospitalar e sim uma forma de salvação eterna, já que estar ali era um ato de caridade.

Esse autor ainda coloca que o primeiro fator da transformação do hospital foi não a busca de uma ação positiva do hospital sobre o doente ou a doença, mas simplesmente a anulação dos seus efeitos negativos.

O ponto de partida da reorganização hospitalar foi a partir da necessidade econômica de se manter os soldados, já que o gasto com exercícios e técnicas eram muito elevados para se perderem. Passou a ser extremamente importante a cura desses soldados, surgindo então os hospitais militares, tendo como focos principais a disciplina e a vigilância. Para Foucault, é no ajuste do processo de deslocamento da intervenção médica e a disciplinarização do espaço hospitalar que está a origem do hospital médico, onde o doente seria vigiado, separando-os em relação ao ambiente, doença, alimentação. Com os hospitais militares tornando-se o modelo, Foucault (1979) diz que a primeira característica para a transformação foi a arquitetura hospitalar, que deveria ser um fator de cura e não mais um lugar onde ficam pessoas excluídas. Há a preocupação na mudança do pensamento em relação ao hospital onde as pessoas ficavam até a morte para o lugar onde irão receber cuidado. O antigo sistema de poder no hospital, com o médico sendo chamado apenas em casos mais graves, muda esse panorama, tornando o médico ocupante e responsável pela organização desse espaço.

Na atualidade, considerando a evolução tecnológica e o aumento na produção científica acerca do processo de saúde/doença e o surgimento dos princípios doutrinários do SUS (Sistema Único de Saúde) no Brasil, nos dias de hoje, a assistência hospitalar objetiva: prevenção a doenças, promoção e restauração da saúde, iniciativas

no sentido educacional e incentivo a pesquisa. O hospital deve ser “formador”, colocando seu serviço à disposição de profissionais de saúde.

As modificações que aconteceram na profissão vão de acordo com o que Foucault (1979) aborda, afirmando que as mudanças ideológicas na sociedade foram responsáveis por algumas das transformações conceituais que modificaram os hospitais, quando há o exercício da Medicina com a intenção da cura e pesquisa.

Com essas mudanças, era necessário também modificar questões como a economia e administração, com a perspectiva de concentração de atividades especializadas, formação de redes e associações, uso intensivo de tecnologias e gerenciamento de processos. Com isso, o ambiente que antes era ocupado por pacientes de longa permanência passou a prezar agilidade, rotatividade e lucro. Uma instituição destinada ao diagnóstico e tratamentos de doentes, com planejamento e construção moderna, orientação técnica organizada e administrada, com finalidade de prevenir doenças e promover a saúde (BARTALOTTI, de CARLO e PALM, 2004), ocasionando a inserção de novos profissionais de saúde nesse ambiente antes apenas ocupado por médicos e enfermeiros. Diante desse contexto, a Terapia Ocupacional começa a atuar também nos Contextos Hospitalares, tópico que apresentaremos a seguir.

### 3.2 TERAPIA OCUPACIONAL E CONTEXTO HOSPITALAR

No início de sua história, a Terapia Ocupacional tinha como objetivo a restauração da capacidade funcional através da técnica de treinamento de hábitos, como relata Bartalotti, De Carlo e Palm (2004).

Ainda segundo essas autoras, no contexto hospitalar experimenta-se um cotidiano muito particular, determinado pela internação ou constantes idas a atendimentos ambulatoriais. Além do sofrimento provocado pela doença e do próprio hospital, isso pode levar o paciente ao sofrimento psíquico, já que ele sofre uma ruptura do seu cotidiano com o início do tratamento, o que causa medo pela doença em si, pela perda da rotina que o identifica como sujeito, pelo afastamento daqueles que reafirmam seus papéis ocupacionais.

Para a Terapia Ocupacional se faz necessário entender especialmente o efeito singular da doença sobre o doente, ou seja, o impacto emocional, físico, social, espiritual sobre o sujeito adoecido e sua família, trabalhando a individualidade de cada paciente, independente da doença. A ruptura do cotidiano é um dos principais conflitos

pelo qual o paciente tem que lidar, porque além de ser estressante essa rotina hospitalar, há uma intensificação de desconforto físico e psicológico.

É importante que o profissional compreenda o significado da vida do paciente, envolvendo em suas concepções os fatores éticos, culturais, sociais, educacionais, já que o ambiente hospitalar rompe atividades importantes na vida do sujeito ao promover mudanças como: horários e formas de administrar o banho, refeições, vestimentas, receber visitas e expõe sua intimidade a estranhos. A autonomia parece ser, portanto o resgate mais necessário durante a internação.

O terapeuta ocupacional deve se basear no contexto de vida do paciente, para articular formas de lidar com as limitações e conflitos possibilitando uma ressignificação do seu agir e pensar. Com isso, a atuação desse profissional deve estar voltada para o resgate da autonomia considerando-se obviamente as nuances da clínica e do estado geral do paciente, mas também a particularidade de cada pessoa.

### 3.3 A CRIANÇA NO CONTEXTO HOSPITALAR

O processo de hospitalização rompe com as estruturas cotidianas da criança e de sua família e essa ruptura brusca afeta seu desenvolvimento físico, mental e social (TAKATORI, OSHIRO e OTASHIMA, 2004).

A internação provoca diversas transformações no cotidiano da criança devido a procedimentos invasivos e dolorosos, afastamento do ambiente escolar e social, imposição de nova rotina e privação do brincar, podendo causar grande atraso no desenvolvimento. Com isso, é necessário o desenvolvimento de estratégias de intervenção que contribuam para o enfrentamento da hospitalização, no caso da criança, a melhor forma de intervenção é a utilização de características lúdicas. O brinquedo ou componente lúdico além da função de distração em relação ao ambiente, deve ser utilizado como um recurso terapêutico, sendo a forma de comunicação não verbal da criança perante seus medos, angústias e expectativas, visto que as internações, em sua maioria, acontecem de forma abrupta e cheia de sofrimento.

Nesse ambiente estranho e de aparência pouco acolhedora, a criança passa a conviver intensamente com a vertente deficitária de seu próprio corpo e com situações novas e, por vezes, assustadoras (SANTA ROZA, 1997 apud MITRE, 2006). A criança está em um ambiente com técnicas e linguajar próprios, pessoas diferentes das quais está acostumada, sensação de desconforto e principalmente a restrição de algumas

atividades de vida diária. Esta situação torna a criança completamente passiva, não tendo em geral chance de tomar decisões e se sentindo desprotegida por estar em um local desconhecido. Separada de seus familiares e diante de procedimentos invasivos, começa a apresentar sensações de medo, culpa, angústia, dor e sofrimento. Em alguns casos, essa situação impede a criança de ter um desenvolvimento normal e pode prejudicar a conquista de sua individualidade.

Com a internação, as crianças passam a ter mais contato com os profissionais de saúde, que estão sempre realizando procedimentos e outros cuidados. Com isso, torna-se muito importante para o próprio tratamento que essas crianças sejam ouvidas, para que tirem suas dúvidas e fiquem mais confortáveis em relação ao que está acontecendo com elas.

A mãe ou acompanhante também sofre com o processo de hospitalização. Com a quebra da rotina, muitas têm que largar o emprego, deixam os outros filhos com familiares, sentem a angústia devido ao tratamento e a própria doença e dedicam pouco tempo aos seus próprios cuidados pessoais. Por isso é tão importante uma rede de suporte familiar e um trabalho da equipe com esse acompanhante, resgatando atividades de sua rotina antes do hospital.

Na atuação do terapeuta ocupacional nesse contexto observa-se o cuidado com a criança na prevenção de atrasos no desenvolvimento ocasionados por longos períodos de internação, bem como diminuir o estresse causado pelos procedimentos médicos e pela ociosidade gerada durante a internação.

O brincar nesse contexto deve ser utilizado como meio da criança se sentir criança, mesmo em um ambiente desagradável, transformando esse ambiente proibitivo, cheio de aparelhos e de paredes brancas em um espaço próprio, onde tudo pode ser inventado e melhorado, possibilitando o processo de interação com o outro e a elaboração de conflitos.

#### 4 METODOLOGIA

Para realização desse estudo foi feita uma revisão da literatura, elaborada por meio do levantamento bibliográfico na língua portuguesa, apenas nos periódicos “Revista de Terapia Ocupacional da USP” e “Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar”, ambos nacionais, específicos da Terapia Ocupacional, com o objetivo de conhecer a produção científica dos profissionais da área sobre Contexto Hospitalar Pediátrico.

Iniciou-se o trabalho com uma busca, realizada em Abril de 2015. Foram utilizados os seguintes descritores: “contexto hospitalar”, “contextos hospitalares”, “ambiente hospitalar” e “hospital”. Não foram descritores “criança” e “infância” ou outros sinônimos para evitar que se perdessem artigos que pudessem estar relacionados a temáticas, porém sem o uso desses termos nos descritores. Como critério de inclusão foi considerado o idioma de publicação em língua portuguesa e não houve restrição em relação a data de publicação. Por se tratar de busca em dois periódicos diferentes e não em uma base de dados, não houve estudos duplicados.

No total da busca, foram encontrados 129 artigos, sendo 28 artigos do Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar e 101 da Revista de Terapia Ocupacional da USP.

Foram determinados os seguintes critérios de exclusão: não apresentar temática relacionada ao tema, e ser revisão de literatura.

Após a seleção dos artigos a serem os analisados, os mesmos foram classificados em categorias conceituais para a análise qualitativa.

## 5 RESULTADOS

Após a análise, 116 foram descartados, pelo critério de não apresentarem relação com o tema da revisão, restando 13 artigos para análise. Os artigos excluídos abordavam em sua maioria o atendimento a adultos e idosos, e alguns dos que falavam de crianças e adolescentes, se referiam a área social e educação. Esses textos retirados após a primeira análise abordavam as seguintes temáticas:

- **Saúde mental:** Hospital psiquiátrico: relatos de usuários e profissionais (ROSA, 2007; VIEIRA, FURLAN, ABREU e ROSA, 2007; CASTILHO, 2007; SOUZA, 2014; KINKER, 2012); Residências terapêuticas: trajetórias de usuários, desinstitucionalização, novos serviços de saúde mental (KINKER, 2014; MÂNGIA e RICCI, 2011; MANGIA e ROSA, 2002; MÂNGIA e MARQUES, 2004, 2012; ROSA, MÂNGIA e OLIVEIRA, 2005; NICÁCIO e CAMPOS, 2004, 2007; MÂNGIA e MURAMOTO, 2006; LIMA e GHIRARDI, 2008; CASTILHO, 2014; OLIVER, BARROS e LOPES, 2005); Centro de Atenção Psicossocial (CAPS): uso abusivo de álcool e outras drogas, papel ocupacional e rede social do usuário (BARROS e MÂNGIA, 2007; OLIVEIRA, OLIVEIRA, CLARO e PAGLIONE, 2010; MARQUES e MANGIA, 2009, 2011; OKAZAKI, OLIVEIRA, CLARO, PAGLIONE e SOARES, 2010; RIBEIRO, OLIVEIRA, SILVA e BARROS, 2003; VECHI, 2004; SOARES, PEREIRA, PEREIRA, SOUZA e ANDRADE, 2013); Projetos Terapêuticos singulares: relação usuário-equipe e especificidade do terapeuta ocupacional (MÂNGIA, CASTILHO e DUARTE, 2007; JUNS e LANCMAN, 2011; FIORATI e SAEKI, 2011; GASTÃO e CAMPOS, 2005; NICÁCIO e CAMPOS, 2007; MÂNGIA e BARROS, 2009; MÂNGIA, MURAMOTO e MARQUES, 2010; BOCCARDO, ZANE, RODRIGUES e MÂNGIA, 2011);

- **Formação do Terapeuta Ocupacional:** Na atuação com idosos (ALMEIDA, BATISTA e LUCOVES, 2010; BATISTA, ALMEIDA e LANCMAN, 2011; ALMEIDA, FERREIRA e BATISTA, 2011); no contexto hospitalar: graduação, residência e profissional de Terapia Ocupacional (BORGES, LEONI e COUTINO, 2012; MITRE, 2012; SANTOS e CARLO, 2013; DAHDAH, CARVALHO, DELSIM, GOMES e MIGUEL, 2013; GALHEIGO e TESSUTO, 2010; GALHEIGO, 2008; DAHDAH, FRIZZO e FANGEL, 2014); no campo social (LOPES, PALMA e REIS, 2005) e na arte (CASTRO, INFORSATO, ANGELI e LIMA, 2009);

- **Idosos:** Instituição de Longa Permanência (ILPI's): estudo com os profissionais e aspectos psicológicos e comportamentais dos idosos (CANON e NOVELLI, 2012; ALENCAR e MONTREZO, 2010); cuidador: papel e repercussão do trabalho do cuidador e a sobrecarga da função (CABRAL e NUNES, 2015; ARAKAKI, TSUBAKI, CARAMELLI, NITRINI e NOVELLI, 2012; BATISTA, MICCAS, FORATTORE, ALMEIDA e COUTO, 2012);

- **Saúde do Trabalhador:** Prevenção de riscos (LANCMAN, SANTOS, ROMERO e BONEQUINI, 2003; MOLINIER, MARTINS, MICHELS, SANTOS, BARBOSA, LIMA, ALVAREZ e WAINSTEIN, 2002; NICÁCIO, MANGIA e GHIRARDI, 2005);

- **Pacientes adultos acamados:** Atuação do Terapeuta Ocupacional (MARTINS e CAMARGO, 2014; SIEGMAN, PINHEIRO e ALMEIDA, 2002);

- **Atendimento domiciliar:** Intervenções oferecidas pelo hospital, assim como atuação do Terapeuta Ocupacional (OTHERO, 2012);

- **Atendimento ambulatorial:** Caracterização do serviço e efeito do tratamento (BALSANO e SIMONELLI, 2015; PAULA, FALSARELLA, D'ELBOUX e GUARIENTO, 2015; BALEOTTI, GRITTI, SILVA, 2014; TOLDRÁ e SÁ, 2005);

- **Atendimento em emergências:** Pressão dos usuários no atendimento mais rápido, gerando conflitos (LANCMAN, GONÇALVES e MÂNGIA, 2012);

- **Estratégia de Saúde da Família (ESF):** Atuação em conjunto da Terapia Ocupacional e equipes da ESF e Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) (JARDIM, AFONSO e PIRES, 2008; MALFITANO e LOPES, 2003; BERTAGNONI, MARQUES, MURAMOTO e MÂNGIA, 2012; LANCMAN e BARROS, 2011);

- **Saúde pública e Terapia Ocupacional (TO):** Implementação do SUS e de novos serviços e tecnologias de atenção e cuidado, possibilitando acesso de determinados grupos ao sistema de saúde (MALFITANO e FERREIRA, 2011);

- **Oncologia:** Papel da Terapia Ocupacional de acordo com a Política Pública de Atenção Oncológica e a vivência de atividades criativas no processo de internação e quimioterapia (SILVA e GIUARDINETTO, 2012; MOTTA, CAMARGO e PINHEIRO, 2013);

- **Educação:** Contribuições da educação inclusiva e desafios da atuação da Terapia Ocupacional na área (MAGALHÃES, REZENDE, AMPARO, FERREIRA e RENGGER, 2009; SILVA, 2012; OLIVER, ALMEIDA, TOLDRA, GALHEIGO,



LANCMAN, LOPES e PALM, 2011, SANTOS, PORTES, SANTANA e NETO, 2006; BARATA-ASSAD e ELUI, 2010);

- **Desempenho ocupacional:** A importância do resgate dos papéis ocupacionais de cada indivíduo (THINEN e MORAES, 2013; MONTEIRO, COSTA, CORRÊA e FOLHA, 2014; BRITO e MARCELINO, 2014; MASTROPIETRO, SANTOS e OLIVEIRA, 2006; SEGAVA e CAVALCANTI, 2011; GRITTI, PAULINO, MARQUES, CASTIGLIONI e BIANCHIN, 2015, SANTOS, PORTES, SANTANA e NETO, 2006; BARATA-ASSAD e ELUI, 2010); uso da Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM) (BASTOS, MANCINI e PYLÓ, 2010; CALDAS, FACUNDES e SILVA, 2011);

- **Análise da atividade:** Importância na atuação do terapeuta ocupacional (BUENO, 2007; GUIMARÃES e FALCÃO, 2004);

- **Deficiência física:** Identificação de fatores de riscos e estratégias de ampliação nas relações interpessoais (PONTE, DUARTE, GODOY, DELBONI e COSTA, 2015; CRUZ e SILVA, 2007; ALVES, CAVALCANTI, CASTRO, ANDRADE e NUNES, 2012; FERREIRA e OLIVER, 2010); enfoque nas políticas e modelos assistenciais em saúde no cenário assistencial brasileiro (ALMEIDA e CAMPOS, 2002; CARO, FARIA, BOMBARDA, FERRIGNO e PALHARES, 2014);

- **Terapia Ocupacional Social:** O brincar e a criatividade na terapia ocupacional social: utilização no atendimento com crianças e adolescentes (LIMA, CANGUÇU, MORAES e INFORSATO, 2009; BUELAU, INFORSATO e LIMA, 2009; SILVA e PONTES, 2013); situação de abrigamento: atenção para crianças e adolescentes (GALHEIGO, 2003; GALHEIGO e ANGELI, 2008); Vítimas de violência: Revisão de literatura sobre a saúde mental de crianças e adolescentes (BONTEMPO e PEREIRA, 2012); Terapia ocupacional (TO) e grupos: dinâmica de papéis de grupo de atividade com e sem renda (FERRO, MACEDO e LOUREIRO, 2015; BRUNELLO, 2002);

- **Tecnologia Assistiva:** Inclusão digital e adaptações de baixo custo (ROSA e ROCHA, 2006; HOHMANN e CASSAPIAN, 2011);

- **Terapia Ocupacional e Saúde da Criança:** Desenvolvimento infantil, mas sem relação com o contexto hospitalar: GOMES e OLIVER, 2010; MANCINI; BRAGA; ALBUQUERQUE; RAMOS; CHAGAS, 2010;

- Segundo o critério de revisão bibliográfica ou de literatura, foram excluídos os seguintes artigos: TOLDRA, CARVALHO e BALLARIN, 2008; GALHEIGO e

ANTUNES, 2008; OLIVER, 2008; LOPES, OLIVER, MALFITANO, GALHEIGO e ALMEIDA, 2008; FERREIRA e OLIVER, 2006; GALHEIGO, 2007.

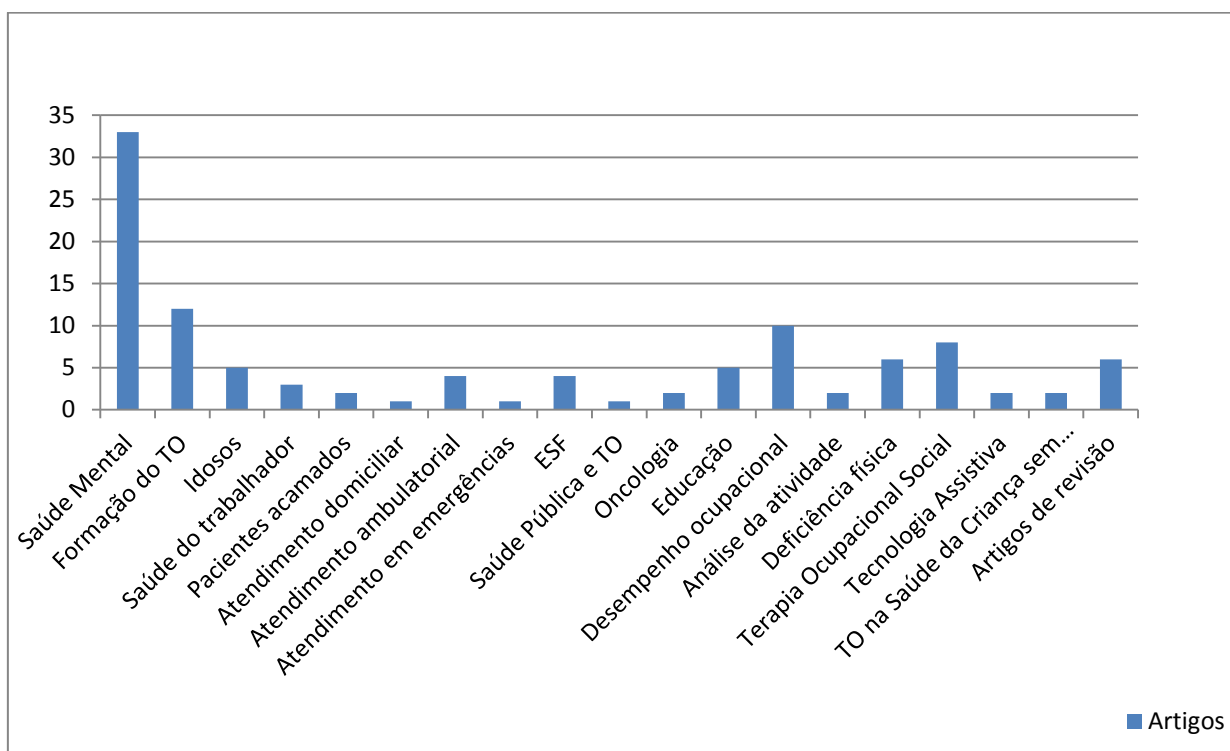


Gráfico 1 - Temática dos artigos excluídos após análise

Destes 13 artigos restantes para a análise, encontramos 8 nos Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar (SCHINZARI, N.R.G.; PFEIFER, L.I; SPOSITO, A.M.P.; SANTOS, J.L.F.; NASCIMENTO, L.C.; PINTO, M.P.P., 2014; JOAQUIM, R.H.V.T.; SILVESTRINI, M.S.; MARINI, B.P.R., 2014; GIARDINETTO, A.R.S.B.; MARTINI, E.C.; CRUZ, J.A.; MONI, L.O.; RUIZ,L.M.; RODRIGUES,P.; PEREIRA,T., 2009; KUDO, A.M.; PARREIRA, F.V.; BARROS, P.B.M.; ZAMPER, S.S.S., 2012; SILVEIRA, A.M.; JOAQUIM, R.H.V.T.; CRUZ, D.M.C., 2012; NUNES, C.J.R.R.; RABELO, H.D.; PICANÇO, R.M.A., 2013; RIBEIRO, M.B.S.; BERNAL,M.; ZAPONI, E.P.G., 2008; PERUZZOLO, D.L.; ESTIVALET, K.M.; MILDNER, A.R.; SILVEIRA, M.C., 2014) e 5 na Revista de Terapia Ocupacional da USP (DITZ, E. da S.; MELO, D. C. C. de; PINHEIRO, Z. M. M. A., 2006; MEDEIROS, J. S.; MASCARENHAS, M. F. P. T., 2010; LIMA, S. L., ALMOHALHA, L., 2011; GARCIA, N. R.; PFEIFER, L. I.; PANÚNCIO-PINTO, M. P., 2012; ALMOHALHA, L.; GUERRA, R.M.R., 2011). A tabela com os dados destes artigos, utilizada na análise inicial, encontra-se em anexo (ANEXO 1)

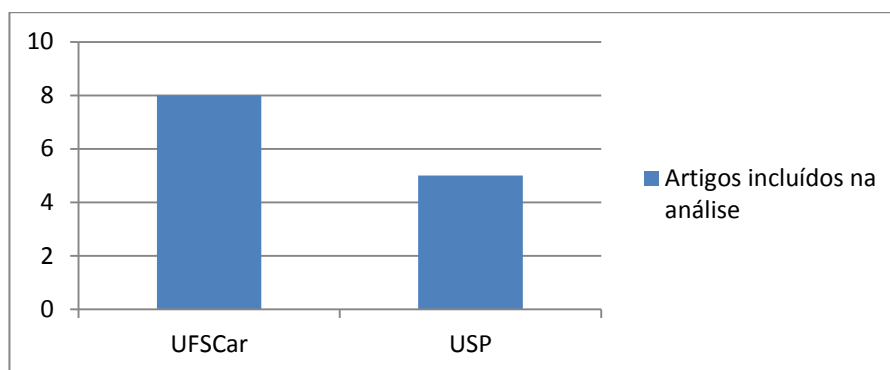


Gráfico 2 - Quantidade de artigos publicados nos periódicos

A análise do ano da publicação desses artigos mostra que temos 4 artigos publicados entre 2006 e 2010 e 9 entre 2011 e 2014.

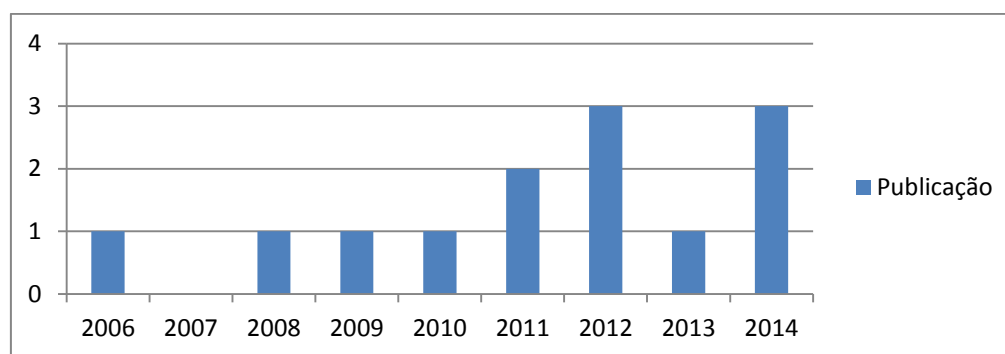


Gráfico 3 - Quantidade de artigos publicados por ano.

Na discussão do trabalho apresentaremos as análises dos artigos de acordo com a classificação em categorias conceituais.

## 6 DISCUSSÃO

Os artigos foram analisados e classificados em 4 categorias temáticas: Atuação geral da Terapia Ocupacional com crianças no contexto hospitalar; Assistência a familiares de crianças hospitalizadas; Atendimento a prematuros; Enfrentamento da hospitalização.

A distribuição entre categorias pode ser observada no quadro a seguir:

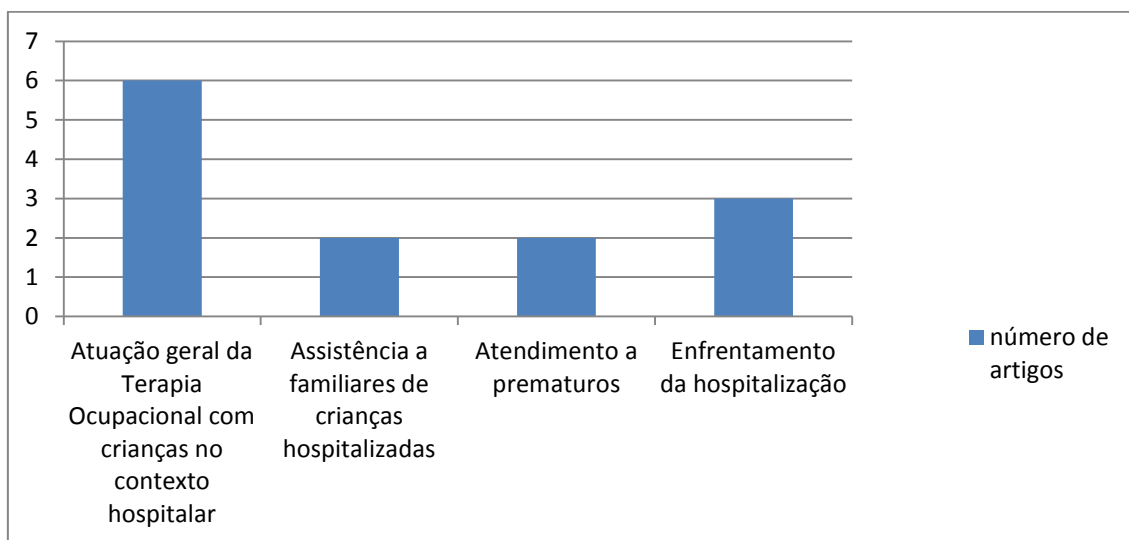


Gráfico 4 – Distribuição por temática dos artigos incluídos após a análise

Nos próximos tópicos deste trabalho serão apresentadas as discussões em cada categoria.

### 6.1- ATUAÇÃO GERAL DA TERAPIA OCUPACIONAL COM CRIANÇAS NO CONTEXTO HOSPITALAR

Foram classificados nessa categoria 6 textos: GIARDINETTO, MARTINI, CRUZ, MONI, RUIZ, RODRIGUES e PEREIRA, 2009; KUDO, PARREIRA, BARROS e ZAMPER, 2012; SILVEIRA, JOAQUIM e CRUZ, 2012; RIBEIRO, BERNAL e ZAPONI, 2008; PERUZZOLO, ESTIVALET, MILDNER e SILVEIRA, 2014; LIMA e ALMOHALHA, 2011, que tinham como tema principal a atuação da terapia ocupacional com crianças no contexto hospitalar, de maneira geral.

O primeiro artigo analisado (KUDO, PARREIRA, BARROS e ZAMPER, 2012) fala da construção de um instrumento de avaliação para atuação das crianças em relação

ao enfrentamento da doença, mas fica claro, em pesquisas por protocolos específicos da Terapia Ocupacional, que nesse contexto não há uma padronização e sim temas centrais que devem ser explorados para assim ver o desempenho das habilidades das áreas de ocupação. Outro artigo (SILVEIRA, JOAQUIM e CRUZ, 2012) caracteriza uma enfermaria pediátrica de acordo com a rotina de desempenho das atividades de vida diária (AVD) dos pacientes, com as mudanças que podem ocorrer devido ao espaço físico e danos físicos e psicológicos devido a procedimentos, com isso mostra-se importante a utilização da tecnologia assistiva no auxílio para realização das AVD.

Esses primeiros artigos analisados tinham em comum a importância do desempenho nas habilidades do paciente, tornando muito importante o trabalho do terapeuta ocupacional na repercussão da hospitalização nas atividades de vida diária levando em conta o contexto em que esses pacientes estão inseridos, ou seja, toda a rotina e espaços de um hospital, assim como questões relativas a prognósticos de doenças.

Outro artigo (GIARDINETTO, MARTINI, CRUZ, MONI, RUIZ, RODRIGUES e PEREIRA, 2009) investigou junto a profissionais de diferentes áreas: médico, enfermeiro, pedagogo, fisioterapeuta, psicólogo e auxiliares de enfermagem, como entendiam o trabalho do terapeuta ocupacional nesse contexto. Enquanto um deles (RIBEIRO, BERNAL e ZAPONI, 2008) fala da experiência de aprimorandas atuando em enfermarias através de intervenções grupais e/ou individuais para atender demandas das crianças e acompanhantes. Em outro artigo (PERUZZOLO, ESTIVALET, MILDNER e SILVEIRA, 2014) é apresentada a participação do terapeuta ocupacional junto à equipe e população atendida no programa de apoio a recém-nascidos após a alta hospitalar com protocolos definidos pela equipe para que a avaliação seja realizada. O programa era pautado em diagnósticos de patologias, registros de informações, encaminhamentos para exames padronizados, com isso a equipe não tinha tempo nem recursos humanos para observar questões individuais de cada paciente, visando apenas questões relacionadas a complicações da doença. Em mais um desses artigos (LIMA e ALMOHALHA, 2011), mostra-se importante a atuação do terapeuta ocupacional junto a população oncológica pediátrica em relação ao tratamento e as mudanças que geram em todas as esferas desse paciente.

Um ponto importante de convergência entre esses últimos 4 artigos classificados nessa categoria é o fato de perceber-se extremamente necessária a intervenção do terapeuta ocupacional nesse contexto, visto que sua atuação, proporcionando o

atendimento em um espaço de acolhimento e escuta, tanto dos pacientes, quanto acompanhantes, torna o ambiente menos estressante, favorece a troca de experiências, possibilita que aceitem de forma melhor as intervenções, o que facilita muito no tratamento. E fica claro que com a entrada do terapeuta ocupacional nessas enfermarias e o trabalho focando o cotidiano desse paciente passou a ser mais uma peça analisada para o diagnóstico ou encaminhamento da criança, mostrando uma nova interpretação sobre as informações e questões referentes a cada caso particularmente.

## 6.2 - ASSISTÊNCIA A FAMILIARES DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Foram classificados nessa categoria 2 textos (JOAQUIM e SILVESTRINI; MARINI, 2014; DITZ, MELO e PINHEIRO, 2006), que tinham como tema principal a assistência do terapeuta ocupacional a familiares de bebês hospitalizados.

Em um dos artigos (JOAQUIM e SILVESTRINI; MARINI, 2014) foi observado a importância de um grupo realizado para mães de recém-nascidos, já que nele eram passadas orientações sobre o cuidado e formas de interação dessas mães com seus bebês hospitalizados com demandas vindas delas mesmas. O outro (DITZ, MELO e PINHEIRO, 2006) mostra as intervenções utilizando ações desenvolvidas junto a gestantes de risco e a família, onde são respaldados pelo cuidado centrado na família, onde a mãe participa desse cuidado e a família atua como parceira da equipe, tanto no planejamento quanto na realização do cuidado com a criança.

As atividades estudadas em ambos os artigos servem como facilitadoras no acesso à informação e orientação sobre os cuidados com o recém-nascido e rotina do hospital para os familiares do bebê, assim como minimizar o estresse vivido por estes diante do contexto hospitalar, que é completamente adverso ao momento do nascimento, onde se espera uma rápida saída do hospital. Outra convergência é em relação à qualidade de vida dentro e fora do hospital, que deve ser trabalhada e mantida, independente da situação a qual estão vivendo.

A dificuldade na realização de seus papéis sociais, dificuldade no entendimento da doença e sentimento de culpa por partes dos familiares são pontos que são trabalhados pelo terapeuta ocupacional, que em nenhum momento restringem apenas a recuperação biológica do recém-nascido e sim a um cuidado maior que possibilita à mulher viver de forma mais saudável a gravidez e o momento da internação do bebê,

assim como dá a possibilidade da criação de vínculo mãe-filho a partir do momento que essa mulher entende o que está acontecendo.

### 6.3 – ATENDIMENTO A PREMATUROS

Foram classificados nessa categoria 2 textos (MEDEIROS e MASCARENHAS, 2010; ALMOHALHA e GUERRA, 2011), que tinham como tema principal o atendimento a recém-nascidos prematuros.

Um artigo (MEDEIROS e MASCARENHAS, 2010) fala sobre o banho humanizado nos recém-nascidos (RN) prematuros e de baixo peso. Nele investiga-se a adequação do banho, que é uma prática de alta manipulação e causa estresse e desconforto, desorganizando o RN. Já o banho humanizado demonstra ser mais adequado, gerando auto-organização nos RN prematuros e de baixo peso. O outro artigo (ALMOHALHA e GUERRA, 2011) trabalha com a percepção dos profissionais de uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) na identificação dos sinais neurocomportamentais de retraimento e aproximação apresentados pelos recém-nascidos pré-termo (RNPT), que são alterações comportamentais observáveis em resposta a estímulos do meio.

Os artigos concordam que os profissionais devem observar e respeitar a individualidade de cada bebê, mesmo que a princípio as respostas comportamentais deles pareçam inespecíficas, a atuação e o cuidado em perceber esse bebê durante a atuação clínica promove um atendimento humanizado e de qualidade, auxiliando no desenvolvimento da criança. Outro ponto em comum é a busca do profissional pela humanização do cuidado, onde a atuação acontece com a diminuição de possíveis atrasos que reduziriam o desempenho ocupacional dessas crianças e na promoção da qualidade de vida da família que está envolvida no acolhimento do recém-nascido.

O manuseio também é muito importante, já que o cuidador deve estar atento aos comportamentos de organização e estresse desse RN, promovendo a adequação dos estímulos e intervenções. Com o manuseio adequado os sistemas comportamentais, motores, fisiológicos e de interação ao meio são organizados, auxiliando assim no desenvolvimento saudável dessa criança. Este aspecto é abordado em ambos os textos.

#### 6.4 - ENFRENTAMENTO DA HOSPITALIZAÇÃO

Nessa categoria foram classificados 3 textos (SCHINZARI, PFEIFER, SPOSITO, SANTOS, NASCIMENTO e PINTO, 2014; NUNES, RABELO, FALCÃO e PICANÇO, 2013; GARCIA, PFEIFER e PINTO, 2012), que falam especificamente de mecanismos que auxiliam no enfrentamento no momento da hospitalização.

Um artigo (NUNES, RABELO, FALCÃO e PICANÇO, 2013) fala da importância da utilização do brincar como expressão das crianças internadas, já que promove a possibilidade da criança mostrar seus medos e anseios. Os outros dois (SCHINZARI, PFEIFER, SPOSITO, SANTOS, NASCIMENTO e PINTO, 2014; GARCIA, PFEIFER e PINTO, 2012) caracterizam programas de extensão que utilizam a contação de história como uma estratégia auxiliar esse enfrentamento, onde há interação entre paciente e graduandas utilizando o brincar e a história como forma de expressão. Dentre esses dois, o primeiro citado caracteriza como essa intervenção acontece e as possibilidades geradas a partir dessa mudança na forma da criança se comunicar. O outro faz uma análise da opinião dos profissionais de uma enfermagem oncopediátrica do impacto do programa nas crianças hospitalizadas.

Os artigos convergem na opinião sobre a experiência da hospitalização, que causa ruptura com a vida cotidiana e, conseqüentemente, alterações ao paciente e a sua família, como, por exemplo, na rotina simples, como alimentar-se, dormir, tomar banho.

Nesse ambiente estranho e de aparência pouco acolhedora, a criança passa a conviver intensamente com a vertente deficitária de seu próprio corpo e com situações novas, por vezes, assustadoras (SANTA ROZA, 1997 apud MITRE, 2011), já que há a rotina hospitalar, máquinas, procedimentos. Com isso, a criança torna-se passiva em relação a tudo que acontece em seu corpo e ao redor.

O brincar surge então, nessas situações, como forma de expressão, já que é a atividade básica da infância e deve estar presente em todas as situações de vida da criança. O brincar é destacado em todos os textos dessa categoria como recurso importante a ser utilizado. É com o brincar que a criança tem possibilidade de escolha, auxilia na criação de vínculo entre paciente, família e profissionais e é realmente o responsável na elaboração de experiências. Com isso, há uma grande redução no estresse dessas crianças por estarem inseridas nesse contexto, assim como a melhora na qualidade da internação, que pode facilitar na recuperação dessa criança.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preferência pelo tema sobre crianças no contexto hospitalar partiu inicialmente da proximidade com esse público no estágio e pela percepção, durante essa vivência, de que essa é uma fase extremamente importante e repercute o período importante do desenvolvimento humano. Estar inserido no contexto hospitalar provoca diversas alterações no indivíduo, principalmente nas crianças, que estão diante dessa fase.

Através deste trabalho buscamos resgatar o surgimento do hospital e o início da atuação do Terapeuta Ocupacional nesse contexto, com o intuito de mostrar como houveram mudanças nas intervenções realizadas e o quanto conceitos como a humanização do cuidado vem tornando o trabalho dos profissionais de saúde mais próximo do paciente, observando-os em sua individualidade.

Além desse fato, entendemos hoje que os profissionais de saúde em prol do desenvolvimento infantil não devem só estar atentos ao atraso do desenvolvimento das crianças, mas considerarem o contexto social e cultural no qual estas fazem parte, respeitando também as condições de vida da família.

Percebemos, através das publicações encontradas nas revistas específicas da área, a importância dessa discussão na formação e na prática de terapeutas ocupacionais. Apesar de terem sido poucos trabalhos analisados (13), entendemos que a produção de terapeutas ocupacionais no contexto da hospitalização infantil é mais ampla, havendo muitas publicações em livros e artigos de outras revistas da área da saúde que não foram analisadas neste trabalho. Pontuamos a necessidade de continuidade dessa revisão de forma mais ampliada posteriormente.

Portanto, com esse trabalho, acreditamos na importância dos futuros profissionais de saúde estarem atentos para a sensibilização quanto ao cuidado da criança hospitalizada. E em relação aos futuros terapeutas ocupacionais fica a importância da continuidade de pesquisa e desenvolvimento dessa área.

## REFERENCIAS

AGNOLON, M. C.; SANTOS, S. S.; ALMEIDA, M. H. M. Grupo de orientação postural a idosos com dor osteomuscular: estabelecendo relações entre teoria e prática. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 17, n. 2, p. 80-86, maio/ago., 2006.

ALENCAR, M. C. B.; MONTREZOR, J. B. Aspectos da organização do trabalho e os distúrbios osteomusculares: um estudo com trabalhadores em instituições de longa permanência de idosos. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 15-22, jan./abr. 2010.

ALMEIDA, M. H. M. de; SPÍNOLA, A. W. de P.; LANCMAN, S. Técnica Delphi: validação de um instrumento para uso do terapeuta ocupacional em gerontologia. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 1, p. 49-58, jan./abr. 2009.

ALMEIDA, M. H. M.; BATISTA, M. P. P.; LUCOVES, K. C. R. G. Reflexões sobre a formação do terapeuta ocupacional para atuação com pessoas idosas em distintas modalidades de atenção: contribuições de egressos da USP-SP. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 2, p. 130-138, maio/ago. 2010.

ALMEIDA, M. H. M.; FERREIRA, A. B.; BATISTA, M. P. P. Formação do terapeuta ocupacional em gerontologia: contribuições de docentes de cursos de graduação em terapia ocupacional no Brasil. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 3, p. 289-297, set./dez. 2011.

ALMOHALLA, L., GUERRA, R. M. R. Identificação dos sinais neurocomportamentais de bebês pré-termo por profissionais que atuam na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN). **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 117-126, maio/ago. 2011.

ALVES, A. L.; CAVALCANTI, A.; CASTRO, S. S.; ANDRADE, V. S.; NUNES, C. M. P. Perfil sócio demográfico e de funcionalidade/incapacidade de pessoas atendidas em um programa de reabilitação da mão. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n. 1, p. 62-71, jan./abr. 2012.

ARAKAKI, B. K.; TSUBAKI, J. N. S.; CARAMELLI, P.; NITRINI, R.; NOVELLI, M. M. P. C. Análise do desgaste e da sobrecarga de cuidadores/familiares de idosos com doença de Alzheimer causado pelos sintomas psicológicos e comportamentais. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n. 2, p. 113-121, maio/ago. 2012.

Associação Científica De Terapia Ocupacional Em Contextos Hospitalares E Cuidados Paliativos (ATO Hosp). Disponível em: <http://www.atohosp.com.br/index.html>. Acesso em: 3 jun. 2015.

BALEOTTI, L.R.; GRITTI, C.C.; SILVA, B.C. Efeitos de um protocolo modificado da terapia por contensão induzida em criança com paralisia cerebral hemiparética. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 25, n. 3, p. 264-271, set./dez. 2014.

BALSANO, M.A.; SIMONELLI, A.P. Caracterização dos tipos de acidentes de trabalho do ambulatório de Terapia Ocupacional do Hospital do Trabalhador de Curitiba, PR. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 23, n. 1, p. 53/61, 2015.

BARATA-ASSAD, D. A.; ELUI, V. M. C. Limitações no desempenho ocupacional de indivíduos portadores de hemofilia em Centro Regional de Hemoterapia de Ribeirão Preto, Brasil. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 21, n. 3, p. 198-206, set./dez. 2010.

BARROS, J. de O.; MÂNGIA, E. F. Rede social e atenção às pessoas com transtornos mentais: novo desafio para os serviços de saúde mental. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.18, n. 3, p. 135-142, set./dez. 2007.

BASTOS, S. C. A.; MANCINI, M. C.; PYLÓ, R. M. O uso da medida canadense de desempenho ocupacional (COPM) em saúde mental. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 21, n. 2, p. 104-110, maio/ago. 2010.

BATISTA, M. P. P.; ALMEIDA, M. H. M.; LANCMAN, S. Políticas públicas para a população idosa: uma revisão com ênfase nas ações de saúde. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 22, n. 3, p. 200-207, set./dez. 2011.

BATISTA, M. P. P.; MICCAS, F. L.; FORATTORE, F. S.; ALMEIDA, M. H. M.; COUTO, T. V. Repercussões do papel de cuidador nas atividades de lazer de cuidadores informais de idosos dependentes. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 23, n. 2, p. 186-192, maio/ago. 2012.

BERTAGNONI, L.; MARQUES, A. L. M.; MURAMOTO, M. T.; MÂNGIA, E. F. Núcleo de Apoio à Saúde da Família e Saúde Mental: itinerários terapêuticos de usuários acompanhados em duas Unidades Básicas de Saúde. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 23, n. 2, p. 153-162, maio/ago. 2012.

BOCCARDO, A. C. S.; ZANE, F. C.; RODRIGUES, S.; MÂNGIA, E. F. O projeto terapêutico singular como estratégia de organização do cuidado nos serviços de saúde mental. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 22, n. 1, p. 85-92, jan./abr. 2011.

BONTEMPO, K. S.; PEREIRA, A. R. Saúde mental de crianças e adolescentes vítimas de violência: uma revisão crítica da literatura. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 23, n. 2, p. 130-136, maio/ago. 2012.

BORGES, F.; LEONI, T.F.; COUTINO, I. Terapia Ocupacional no contexto hospitalar: um delineamento da profissão em hospitais gerais e especializados na cidade de Salvador, BA. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 20, n. 3, p. 425/433, 2012.

BRITO, J.S.; MARCELINO, J.F.Q. Desempenho ocupacional de mulheres submetidas à mastectomia. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 3, p. 473/485, 2014.

BRUNELLO, M. I. B. Terapia ocupacional e grupos: uma análise da dinâmica de papéis em um grupo de atividade. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 13, n. 1, p. 9-14, jan./abr. 2002.

BUELAU, R. M.; INFORSATO, E. A.; LIMA, E. M. F. A. Exercícios de sonhar junto: criatividade e experiências estéticas no acompanhamento de uma criança. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 3, p. 164-170, set./dez. 2009.

BUENO, K. M. P. Os processos sociais de constituição das habilidades. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 18, n. 2, p. 47-53, maio/ago., 2007.

CABRAL, B.P. DE A.L.; NUNES, C.M.P. Percepções do cuidador familiar sobre o cuidado prestado ao idoso hospitalizado. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 26, n. 1, p. 118-127, jan./abr. 2015.

CALDAS, A. S. C.; FACUNDES, V. L. D.; SILVA, H. J. O uso da Medida Canadense de Desempenho Ocupacional em estudos brasileiros: Uma revisão sistemática. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 3, p. 238-244, set./dez. 2011.

CANON, M. B. F.; NOVELLI, M. M. P. C. Identificação dos sintomas comportamentais e psicológicos em idosos moradores de uma Instituição de Longa Permanência. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n. 1, p. 72-80, jan./abr. 2012.

CARLO, M.M.R.do PRADO de; BARTALOTTI, C.C; PALM, R.D.C.M. A Terapia Ocupacional em Reabilitação Física e Contextos Hospitalares: Fundamentos para a Prática. In: CARLO, M.M.R.do PRADO de; LUZO, M.C.de M. **Terapia Ocupacional: Reabilitação Física e Contextos Hospitalares**. 1ª Edição. São Paulo: Roca, 2004. Parte I, cap. 1, p. 3-28.

CARO, C.C.; FARIA, P.S.P.; BOMBARDA, T.B.; FERRIGNO, I.S.V.; PALHARES, M.S. A dispensação de órteses, próteses e meios auxiliares de locomoção (OPM) no Departamento Regional de Saúde da 3ª Região do Estado de São Paulo. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 3, p. 521/529, 2014.

CASTILHO, J. C. N. A terapia ocupacional e o serviço residencial terapêutico no município de Belo Horizonte, MG. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n. 3, p. 230-236, set./dez. 2012.

CASTILHO, J.C.N. Cortina de quadrados de tecido- uma produção no hospital psiquiátrico. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 15, n. 2, p. 165/170, Jul./Dez, 2007.

CASTRO, E. D. de. Inscrições da relação terapeuta-paciente no campo da terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 1, p. 14-21, jan./abr., 2005.

CASTRO, E. D. de; INFORSATO, E. A.; ANGELI A. do A. C. de; LIMA, E. M. F. A. Formação em Terapia Ocupacional na interface das artes e da saúde: a experiência do PACTO. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 3, p. 149-156, set./dez. 2009.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL – COFFITO. Resolução no. 366 de 2009. Disponível em: <http://www.coffito.org.br/site>. Acesso em: 10 jun. 2015

CRUZ, J. P.; SILVA, N. R. Identificação de fatores de riscos junto a terapeutas ocupacionais no atendimento de portadores de disfunções físicas. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 18, n. 1, p. 22-29, jan./abr., 2007.

DAHDAH, D.F.; CARVALHO, A.M.P.; DELSIM, J.C.; GOMES, B.R.; MIGUEL, V.S. Grupo de familiares acompanhantes de pacientes hospitalizados: estratégia de intervenção da Terapia Ocupacional em um hospital geral. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 399/404, 2013.

DAHDAH, D.F.; FRIZZO, H.C.F.; FANGEL, L.M.V. Terapia ocupacional em contextos hospitalares - caracterização do ensino nos cursos de graduação universitários brasileiros. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 25, n. 1, p. 70-79, maio/ago. 2014.

DITZ, E. da S.; MELO, D. C. C. de; PINHEIRO, Z. M. M. A terapia ocupacional no contexto da assistência à mãe e à família de recém-nascidos internados em unidade de terapia intensiva. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 17, n. 1, p. 42-47, jan./abr. 2006.

FERREIRA, T. G.; OLIVER, F. C. A atenção domiciliar como estratégia para ampliação das relações de convivência de pessoas com deficiências físicas. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 3, p. 189-197, set./dez. 2010.

FERREIRA, T. G.; OLIVER, F. C. Terapia ocupacional em disfunção física: discutindo a produção bibliográfica brasileira no período de 1999 a 2005. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 17, n. 3, p. 108-114, set./dez., 2006.

FERRO, L.F.; MACEDO, M. LOUREIRO, M.B. Economia Solidária, Saúde Mental e a prática do terapeuta ocupacional: relatos de participantes de um grupo de geração de trabalho e renda. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 23, n. 1, p. 101/116, 2015.

FEUERWERKER, L.C.M.; CECILIO, L.C. de. O hospital e a formação em saúde: desafios atuais. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 965-971, 2007.

FIORATI, R. C.; SAEKI, T. A inserção da reabilitação psicossocial nos serviços extra-hospitalares de saúde mental: o conflito entre racionalidade instrumental e racionalidade prática. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 1, p. 76-84, jan./abr. 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. O nascimento do hospital. Conferência realizada no Instituto Médico Social da U.E.R.J, p. 19-23, out. 1979. Tradução Roberto Machado.

GALHEIGO, S. M. Domínios e temáticas no campo das práticas hospitalares em terapia ocupacional: uma revisão da literatura brasileira de 1990 a 2006. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.18, n. 3, p. 113-121, set./dez. 2007.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional, a produção do cuidado em saúde e o lugar do hospital: reflexões sobre a constituição de um campo de saber e prática. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.19, n. 1, p. 20-28, jan./abr. 2008.

GALHEIGO, S. M.; ANGELI, A. A. C. de. Terapia Ocupacional e o cuidado integral a saúde de crianças e adolescentes: a construção do Projeto ACCALANTO. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 19, n. 3, p. 137-143, set./dez. 2008.

GALHEIGO, S. M.; ANTUNES, J. R. A caracterização da produção bibliográfica nas práticas hospitalares em terapia ocupacional no Brasil: uma revisão da literatura de 1990 a 2007. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 19, n. 2, p. 91-99, maio/ago. 2008.

GALHEIGO, S. M.; TESSUTO, L. A. A. Trajetórias, percepções e inquietações de terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo no âmbito das práticas da terapia ocupacional no hospital. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 23-32, jan./abr. 2010.

GALHEIGO, S.M. O abrigo para crianças e adolescentes: considerações acerca do papel do terapeuta ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 14, n. 2, p. 85-94, maio/ago. 2003.

GARCIA, N. R.; PFEIFER, L. I.; PANÚNCIO-PINTO, M. P. As caixas de histórias na visão de profissionais de saúde como estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n. 2, p. 169-177, maio/ago. 2012.

GASTÃO, F. N.; CAMPOS, G. W. S. Instituições de “portas abertas”: novas relações usuários-equipes contextos na atenção em saúde mental de base comunitária/territorial **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 1, p. 40-46, jan./abr., 2005.

GIARDINETTO, A. R.dos S. B.; MARTINI, E., C; CRUZ, J.A. da; MONI, L.O.; RUIZ, L.M.; RODRIGUES, P.; PEREIRA, T. A importância da atuação da Terapia Ocupacional com a população infantil hospitalizada: A visão de profissionais da área de saúde. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**. São Paulo, v. 17, n. 1, p. 63-69. Jan./Jun. 2009.

GOMES, M. L.; OLIVER, F. C. A prática da terapia ocupacional junto à população infantil: revisão bibliográfica do período de 1999 a 2009. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 2, p. 121-129, maio/ago. 2010.

GRITTI, C.C.; PAULINO, V.U.; MARQUES, L.H.N.; CASTIGLIONI, L.; BIANCHIN, M.A. Desempenho ocupacional, qualidade de vida e adesão ao tratamento de pacientes com epilepsia. **Ver. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 25, n. 1, p. 93-101, jan./abr. 2015.

GUIMARÃES, D. S. L.; FALCÃO, I. V. Análise de atividades e formação do terapeuta ocupacional: um estudo com os preceptores de estágio da UFPE. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 15, n. 2, p. 63-70, maio/ago., 2004.

HOHMANN, P.; CASSAPIAN, M. R. Adaptações de baixo custo: uma revisão de literatura da utilização por terapeutas ocupacionais brasileiros. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 1, p. 10-18, jan./abr. 2011.

JARDIM, T. A. de; AFONSO, V. C.; PIRES, I. C. A terapia ocupacional na Estratégia de Saúde da Família – evidências de um estudo de caso no município de São Paulo. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 19, n. 3, p. 167-175, set./dez. 2008.

JOAQUIM, R.H.V.T.; SILVESTRINI, M.S.; MARINI, B.P.R. Grupo de mães de bebês prematuros hospitalizados experiência de intervenção de Terapia Ocupacional no contexto hospitalar. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 145-150, mar./mai., 2014.

JUNQUEIRA, M. de F.P. da S.; LAMEGO, D.T. da C.; MORSCH, D.S.; DESLANDES, S.F. Os Desafios da Humanização em uma UTI Neonatal. In: DESLANDES, S.F. Humanização dos Cuidados em Saúde: conceitos, dilemas e práticas. 1ª Edição. 2ª Reimpressão. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. Parte II, cap. 10, p. 261-282.

JUNS, A. G.; LANCMAN, S. O trabalho interdisciplinar no CAPS e a especificidade do trabalho do terapeuta ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 1, p. 27-35, jan./abr. 2011.

KINKER, F. S. O lugar do hospital psiquiátrico na atualidade: da disciplina ao abandono. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n. 2, p. 172-185, maio/ago. 2012.

KINKER, F.S. Enfrentamentos e construção de projetos de trabalho para a superação da laborterapia. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 49/61, 2014.

KUDO, A.M.; PARREIRA, F.V.; BARROS, P.B.M.; ZAMPER, S.S.S. Construção do instrumento de avaliação de terapia ocupacional em contexto hospitalar pediátrico: sistematizando informações. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 20, n. 2, p. 173/181, 2012.

LANCMAN, S.; BARROS, J. O. Estratégia de saúde da família (ESF), Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) e terapia ocupacional: problematizando as interfaces. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 3, p. 263-269, set./dez. 2011.

LANCMAN, S.; GONÇALVES, R. M. A.; MÂNGIA, E. F. Organização do trabalho, conflitos e agressões em uma emergência hospitalar na cidade de São Paulo, Brasil. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n. 3, p. 199-207, set./dez. 2012.

LANCMAN, S.; SANTOS, M. C.; ROMERO, M.; BONEQUINI, R. Informar e refletir: uma experiência de terapia ocupacional na prevenção de riscos à saúde do trabalhador. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 14, n. 1, p. 1-9, jan./abr., 2003.

LIMA, E. M. F. A.; GUIRARDI, M. I. G. Transdisciplinaridade e práticas híbridas em saúde mental. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 19, n. 3, p. 153-158, set./dez. 2008.

LIMA, E. M. F. de A.; CANGUÇU, D. F.; MORAES, C. INFORSATO, E. A. PACTO adolescente: arte e corpo na invenção de dispositivos em terapia ocupacional para produção de vida e saúde na adolescência. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 3, p. 157-163, set./dez. 2009.

LIMA, S. L., ALMOHALHA, L. Desvelando o papel do terapeuta ocupacional na oncologia pediátrica em contextos hospitalares. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 172-181, maio/ago. 2011.

LOPES, R. E.; OLIVER, F. C.; MALFITANO, A. P. S.; GALHEIGO, S. M.; ALMEIDA, M. C. de. XI Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional: refletindo sobre os processos de formação acadêmica e profissional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 19, n. 3, p. 159-166, set./ dez. 2008.

LOPES, R. E.; PALMA, A. M.; REIS, T. A. A experimentação teórico-prática do aluno de Terapia Ocupacional no campo social: uma vivência com a população em situação de rua. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 2, p. 54-61, maio/ago., 2005.

LOUREIRO, A. P. L., LIMA, A. A., SILVA, R. C. G., NAJJAR, E. C. A. Reabilitação cognitiva em idosos institucionalizados: um estudo piloto. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 136-144, maio/ago. 2011.

MAGALHÃES, L. de C.; REZENDE, M. B.; AMPARO, F.; FERREIRA, G. N.; RENGER, C. Problemas de coordenação motora em crianças de 4 a 8 anos: levantamento baseado no relato de professores. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 1, p. 20-28, jan./abr. 2009.

MALFITANO, A. P. S., FERREIRA, A. P. Saúde pública e terapia ocupacional: apontamentos sobre relações históricas e atuais. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 102-109, maio/ ago. 2011.

MALFITANO, A. P. S.; LOPES, R. E. Programa de saúde da família e agentes comunitários: demandas para além da saúde básica.. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 14, n. 3, p. 110-7, set./ dez. 2003.

MANCINI, M. C.; BRAGA, M. A. F.; ALBUQUERQUE, K. A.; RAMOS, T. M. V.; CHAGAS, P. S. C. Comparação do desempenho funcional de crianças com visão subnormal e crianças com desenvolvimento normal aos 2 e 6 anos de idade. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 3, p. 215-222, set./dez. 2010.

MÂNGIA, E. F., RICCI, E. C. “Pensando o Habitar” Trajetórias de usuários de Serviços Residenciais Terapêuticos. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 182-190, maio/ago. 2011.

MÂNGIA, E. F.; BARROS, J. de O. Projetos Terapêuticos e serviços de saúde mental: caminhos para a construção de novas tecnologias de cuidado. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 2, p. 85-91, maio/ago. 2009.

MÂNGIA, E. F.; CASTILHO, J. P. L. V.; DUARTE, V. R. E. A construção de projetos terapêuticos: visão de profissionais em dois centros de atenção psicossocial. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 17, n. 2, p. 87-98, maio/ago., 2006.

MÂNGIA, E. F.; MARQUES, A. L. M. Desinstitucionalização e serviços residenciais terapêuticos: novas perspectivas para o campo da reabilitação psicossocial. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 15, n. 3, p. 129-35, set./dez., 2004.

MÂNGIA, E. F.; MURAMOTO, M. Integralidade e construção de novas profissões no contexto dos serviços substitutivos de saúde mental. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 17, n. 3, p. 115-122, set./ dez., 2006.



MÂNGIA, E. F.; MURAMOTO, M. T.; MARQUES, A. L. M. Formação profissional e serviços de saúde mental no SUS: estudo sobre a inserção de egressos do Curso de Terapia Ocupacional da FMUSP. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 2, p. 148-157, maio/ago. 2010.

MANGIA, E. F.; ROSA, C. A. de. Desinstitucionalização e serviços residenciais terapêuticos. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 13, n. 2, p. 71-7, maio/ago. 2002.

MÂNGIA, E. F.; YASUTAKI, P. M. Itinerários terapêuticos e novos serviços de saúde mental. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.19, n. 1, p. 61-71, jan./abr. 2008.

MARQUES, A. L. M.; MANGIA, E. F. O campo de atenção à saúde de sujeitos com problemáticas decorrentes do uso de álcool: apontamentos para a formulação de práticas de cuidado. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 1, p. 43-48, jan./abr. 2009.

MARQUES, A. L. M.; MÂNGIA, E. F. Organização e práticas assistenciais: estudo sobre centro de atenção psicossocial para usuários de álcool e outras drogas. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 3, p. 229-237, set./dez. 2011.

MARQUES, A. L.; MÂNGIA, E. F. Ser, estar, habitar: serviços residenciais terapêuticos no município de Campinas, SP. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n. 3, p. 245-252, set./dez. 2012.

MARTINS, C. O.; MICHELS, G.; SANTOS, J. B.; BARBOSA, J. L.; LIMA, C.C.S; ALVAREZ, B. R.; WAINSTEIN, S. Prevenção dos DORT e redes semânticas. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.13, n.2, p.78-85, maio/ago. 2002.

MARTINS, L.A.; CAMARGO, M.J.G. O significado das atividades de Terapia Ocupacional no contexto de internamento de gestantes de alto risco. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 361/371, 2014.

MASTROPIETRO, A. P.; SANTOS, M. A.; OLIVEIRA, E. A. Sobreviventes do transplante de medula óssea: construção do cotidiano. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 17, n. 2, p. 64-71, maio/ago., 2006.

MEDEIROS, J. S.; MASCARENHAS, M. F. P. T. Banho humanizado em recém-nascidos prematuros de baixo peso em uma enfermaria canguru. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 51-60, jan./abr. 2010.

MITRE, R.M.A. O Brincar no Processo de Humanização da Produção de Cuidados Pediátricos. In: DESLANDES, S.F. **Humanização dos Cuidados em Saúde: conceitos, dilemas e práticas**. 1ª Edição. 2ª Reimpressão. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. Parte II, cap. 11, p. 283-300.

MITRE, R.M.A. Terapia ocupacional nos contextos hospitalares: possibilidades e desafios da residência multiprofissional. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 20, n. 2, p. 191/194, 2012.

MITRE, R.M.A.; GOMES, Rev. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. **REV. Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 147-154, 2004.

MOLINIER, P. Sujeito e subjetividade: questões metodológicas em psicodinâmica do trabalho. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 14, n. 1, p. 43-7, jan./abr., 2003.

MONTEIRO, L.S.; COSTA, E.F.; CORRÊA, V.A.C.; FOLHA, O.A.A.C. Sobre o significado das ocupações após o acidente por queimaduras. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 305/315, 2014.

MORSH, D.S.; ARAGÃO, P.M. A Criança, sua Família e o Hospital: pensando processos de humanização. In: DESLANDES, S.F. Humanização dos Cuidados em Saúde: conceitos, dilemas e práticas. 1ª Edição. 2ª Reimpressão. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. Parte II, cap. 9, p. 235-260.

MOTTA, M.R.; CAMARGO, M.J.G. DE.; PINHEIRO, N.N.B. O processo criativo de pacientes internados para tratamento quimioterápico: uma contribuição a partir do pensamento de D. W. Winnicott. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 24, n. 2, p. 141-148, maio/ago. 2013.

NICÁCIO, F. N.; MANGIA, E. F.; GHIRARDI, M. I. G. Projetos de inclusão no trabalho e emancipação de pessoas em situação de desvantagem: uma discussão de perspectivas. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 2, p. 62-66, maio./ago., 2005.

NICÁCIO, F.N.; CAMPOS, G. W. de S. Afirmção e produção de liberdade: desafio para os centros de atenção psicossocial. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.18, n. 3, p. 143-151, set./dez. 2007.

NICÁCIO, F.; CAMPOS, G. W. S. A complexidade da atenção às situações de crise – contribuições da desinstitucionalização para a invenção de práticas inovadoras em saúde mental. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.15, n.2. p. 71-81, maio/ago., 2004.

NUNES, C.J.R.R.; RABELO, H.D.; PICANÇO, R.M.A. A importância da brinquedoteca hospitalar e da Terapia Ocupacional sob a óptica da equipe de enfermagem de um hospital público no Distrito Federal. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 505/510, Jan/Jun, 2009.

OKAZAKI, C.; OLIVEIRA, M. A. F.; CLARO, H. G.; PAGLIONE, H. B.; SOARES, R. Acolhimento noturno: expectativas dos profissionais de saúde mental. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 2, p. 166-173, maio/ago. 2010.

OLIVEIRA, E.; OLIVEIRA, M. A. F.; CLARO, H. G.; PAGLIONE, H. B. Práticas Assistenciais no Centro de Atenção Psicossocial de Álcool, Tabaco, e outras Drogas. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 3, p. 247-254, set./dez. 2010.

OLIVER, F. C. Pesquisa e produção bibliográfica em terapia ocupacional: contribuições ao debate sobre parâmetros de avaliação da produção acadêmica brasileira. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 19, n. 2, p. 108-120, maio/ago. 2008.

OLIVER, F. C.; BARROS, D. D.; LOPES, R. E. Estudo sobre a incorporação da terapia ocupacional no contexto das ações de saúde mental e saúde da pessoa com deficiência no Município de São Paulo entre 1989 e 1993. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 1, p. 31-39, jan./abr., 2005.

OLIVER, F. C.; ALMEIDA, M. C.; TOLDRA, R. C.; GALHEIGO, S. M.; LANCMAN, S.; LOPES, R. E.; PALM, R. D. C. M. Desafios da educação em Terapia Ocupacional na América Latina para a próxima década. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 3, p. 298-307, set./dez. 2011.

OTHERO, M.B. Terapia ocupacional na atenção extra-hospitalar oferecida pelo hospital. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 20, n. 2, p. 195/202, 2012.

PARHAM, L.D.; PRIMEAU, L.A. Recreação e Terapia Ocupacional. In: PARHAM, L.D.; FAZIO, L.S. A Recreação na Terapia Ocupacional Pediátrica. 1ª Edição. São Paulo, 2000. Parte I, cap. 1, p. 2-21.

PAULA, A.F.M.; FALSARELLA, G.R.; D'ELBOUX, M.J.; GUARIENTO, M.E. Perfis de funcionalidade e relação com óbito em idosos assistidos em Serviço Ambulatorial de Geriatria. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 23, n. 1, p. 153/162, 2015.

PENGO, M.M.S.B; SANTOS, W.de A. O Papel do Terapeuta Ocupacional em Oncologia. In: CARLO, M.M.R.do PRADO de; LUZO, M.C.de M. **Terapia Ocupacional: Reabilitação Física e Contextos Hospitalares**. 1ª Edição. São Paulo: Roca, 2004. Parte II, cap. 10, p. 233-255.

PEREZ, M. P.; ALMEIDA, M. H. M. O processo de revisão de vida em grupo como recurso terapêutico para idosos em Terapia Ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 3, p. 223-229, set./dez. 2010.

PERUZZOLO, D.L.; ESTIVALET, K.M.; MILDNER, A.R.; SILVEIRA, M.C. Participação da Terapia Ocupacional na equipe do Programa de Seguimento de Prematuros Egressos de UTINs. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 151/161, 2014.

PIMENTEL, A. M., COSTA, M. T. B., SOUZA, F. R. Terapia Ocupacional na Atenção Básica: a construção de uma prática. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 110-116, maio/ago. 2011.

PONTE, A.S.; DUARTE, B.S.L.; GODOY, M.C.M.; DELBONI, M.C.C.; COSTA, T.R. Síndrome Complexa de Dor Regional do tipo I do membro superior: tratamento baseado no Estresse Muscular de Tração e Compressão Ativa. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 23, n. 1, p. 3/13, 2015.

RIBEIRO, M. O.; OLIVEIRA, M. A. F. de, SILVA, A. L. A. e, BARROS, S. O papel das drogas na vida da criança em situação de rua. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 14, n. 2, p. 79-84, maio/ago. 2003.

RIBEIRO, M.B.S.; BERNAL,M.; ZAPONI, E.P.G. Relato da experiência de aprimorandas do programa de terapia ocupacional em saúde mental numa enfermaria de

pediatria. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 16, n.2, p. 113/121, Jul.-Dez. 2008.

ROCHA, E.F.; MELLO, M.A.F.de. Os Sentidos do Corpo e da Intervenção Hospitalar. In: CARLO, M.M.R.do PRADO de; LUZO, M.C.de M. **Terapia Ocupacional: Reabilitação Física e Contextos Hospitalares**. 1ª Edição. São Paulo: Roca, 2004. Parte I, cap. 2, p. 29-46.

ROSA, C. A. de; MÂNGIA, E. F.; OLIVEIRA, M. A. F. de. Estudo de um serviço residencial: reflexões sobre os processos de desinstitucionalização. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 3, p. 105-113, set./dez., 2005.

ROSA, S.D. Algumas histórias contadas in vitro ( Relato de uma experiência no interior de um hospital psiquiátrico). **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 16, n. 1, p. 47/52, Jan./Jun, 2012.

ROSA, V. da C.; ROCHA, E. F. Terapia ocupacional e a inclusão digital de pessoas com deficiência. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 17, n. 3, p. 99-107, set./dez., 2006.

SANTOS, C.A.V.; CARLO, M.M.R.P. Hospital como campo de práticas: revisão integrativa da literatura e a terapia ocupacional. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 1, p. 99/107, 2013.

SANTOS, E. G.; PORTES, L. L.; SANTANA, A. G.; SANTOS NETO, E. T. Deformidades e incapacidades dos hemofílicos do Centro de Hemoterapia e Hematologia do Espírito Santo, Brasil. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 18, n. 2, p. 86-94, maio/ago., 2007.

SCHINZARI, N.R.G.; PFEIFER, L.I; SPOSITO, A.M.P.; SANTOS, J.L.F.; NASCIMENTO, L.C.; PINTO, M.P.P. Caixas de histórias como estratégia auxiliar do enfrentamento da hospitalização de crianças e adolescentes com câncer. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 3, p. 569-577,out./mai., 2014.

SEGAVA, N. B., CAVALCANTI, A. Análise do desempenho ocupacional de crianças e adolescentes com anemia falciforme. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 3, p. 279-288, set./dez. 2011.

SIEGMAN, C.; PINHEIRO, C. A.; ALMEIDA, M. C. Terapia ocupacional e pacientes acamados: ações comunitárias. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 13, n. 1, p. 37-43, jan./abr. 2002.

SILVA, A. C. B. Educação inclusiva: contribuições para o desenvolvimento de um compromisso ético em sua efetivação. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n. 2, p. 163-168, maio/ago. 2012.

SILVA, A. C. C; GIUARDINETTO, A. R. S. B. Políticas públicas em oncologia: refletindo sobre a atuação da terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n. 3, p. 297-308, set./ dez. 2012.

SILVA, C.C.B. da; PONTES, F.V. de. A utilização do brincar nas práticas de terapeutas ocupacionais da Baixada Santista. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 24, n. 3, p. 226-232, set.-dez. 2013.

SILVEIRA, A.M.; JOAQUIM, R.H.V.T.; CRUZ, D.M.C. Tecnologia assistiva para a promoção de atividades da vida diária com crianças em contexto hospitalar. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 20, n. 2, p. 183/190, 2012.

SOARES, L.B.T. História da Terapia Ocupacional. In: SOUZA, A.C.de A. e; GALVÃO, C.R.C. Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática. Reimpressão. Rio de Janeiro: Guanabara, 2014. Parte I, cap. 1, p. 3-8.

SOARES, L.C.O.; PEREIRA, A.R.; PEREIRA, P.E.; SOUZA, A.C.A.; ANDRADE, V.S de. Papéis ocupacionais de mulheres que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 24, n. 3, p. 199-207, set.-dez. 2013.

SOUZA, A.C.S. Considerações sobre a atuação da terapia ocupacional no hospital de custódia e tratamento psiquiátrico: O campo psicossocial versus o campo psiquiátrico legal. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 3, p. 627/633, 2014.

SOUZA, C. C. B. X.; ROCHA, E. F. Portas de entrada ou portas fechadas? O acesso à reabilitação nas unidades básicas de saúde da região sudeste do município de São Paulo - período de 2000 a 2006. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 3, p. 230-239, set./dez. 2010.

TAKATORI, M.; OSHIRO, M.; OTASHIMA, C. O Hospital e a Assistência em Terapia Ocupacional com a População Infantil. In: CARLO, M.M.R.do PRADO de; LUZO, M.C.de M. **Terapia Ocupacional: Reabilitação Física e Contextos Hospitalares**. 1ª Edição. São Paulo: Roca, 2004. Parte II, cap. 11, p. 256-275.

THINEN, N.C.; MORAES, A.C.F. Manual de orientação de posicionamento e execução de atividades de vida diária para pacientes com acidente vascular cerebral. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 1, p. 131-139, 2013.

TOLDRA, R. C.; CARVALHO, F. B. de; BALLARIN, M. L. G. S. Trinta anos de história da Faculdade de Terapia Ocupacional da PUC-Campinas: um trabalho de rememoração. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 19, n. 2, p. 131-136, maio/ago. 2008.

TOLDRA, R. C.; SÁ, M. J. C. N. A visão do usuário de um serviço de terapia ocupacional: em busca da qualidade da assistência. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 2, p. 90-96, maio./ago., 2005.

VECHI, L. G. Serviço substitutivo em saúde mental e iatrogenia? Uma reflexão sobre a questão. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 15, n. 2, p. 55-62, maio/ago., 2004.

VIEIRA, D.C.; FURLAN, D.F.; ABREU, S.C.; ROSA, S.D. Quando se atravessa o muro, de que lado eu fico? **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 15, n. 2, p. 139/153, Jul./Dez, 2007.

**ANEXOS**

### ANEXO 1- Tabela inicial de análise dos artigos selecionados para o trabalho

<b>Autor Ano</b>	<b>Título Periódico</b>	<b>Intervenções estudadas</b>	<b>Resultados</b>	<b>Conclusão</b>
Nathália Rodrigues Garcia-Schinzari; Luzia Iara Pfeifer; Amanda Mota Pacciullo Sposito; Jair Lício Ferreira Santos; Lucila Castanheira Nascimento; Maria Paula Panúncio-Pinto 2014	Caixas de histórias como estratégia auxiliar do enfrentamento da hospitalização de crianças e adolescentes com câncer  Cadernos Terapia Ocupacional UFSCar	A contação de história como estratégia de enfrentamento da hospitalização em pacientes oncológicos.	Com a intervenção da Caixa de Histórias houve uma interação positiva entre pacientes e graduandas, utilizando o brincar e a história como forma de expressão.	A utilização da Caixa de Histórias, como um resgate do universo lúdico, possibilitando mudanças positivas no estado emocional de crianças e adolescentes participantes, assim como melhoria na capacidade de enfrentamento da hospitalização e socialização.
Regina Helena Vitale Torkomian Joaquim; Marina Sanches Silvestrini; Bruna Pereira Ricci Marini 2014	Grupo de mães de bebês prematuros hospitalizados experiência de intervenção de Terapia Ocupacional no contexto hospitalar  Cadernos Terapia Ocupacional UFSCar	Através de um Projeto de Extensão, buscou-se a promoção de informação e orientação sobre cuidados e interação de mães de recém nascidos hospitalizados.	Foi observado melhora na condição emocional das mães, já que ao participar do grupo havia informação quanto ao ambiente e com isso, diminuição do estresse .	O Grupo passou a ser indicado pelas próprias médicas e enfermeiras como espaço diferenciado de cuidado nesse ambiente
Dani Laura Peruzzolo; Katine Marchezan Estivalet; Andressa Ribas Mildner; Mayara Caramês da Silveira 2014	Participação da Terapia Ocupacional na equipe do Programa de Seguimento de Prematuros Egressos de UTINs  Cadernos Terapia Ocupacional UFSCar	Apresentação de um relato descritivo da participação do terapeuta ocupacional junto à equipe e à população atendida no Programa de Seguimento de Prematuros Egressos de UTINs, apresentando os protocolos definidos pela equipe para avaliação.	Esse programa avança na qualificação dos serviços oferecidos, com isso, amplia o campo de visão sobre o paciente e seus familiares, principalmente pela abertura à compreensão desses sujeitos sob outras ópticas que não só a do binômio saúde/doença.	Ampliação da escuta à família para os fatores externos à prematuridade orgânica do bebê. A função de auxiliar as famílias de bebês prematuros e em condições de saúde frágeis.
Caroline Jonas Rezaghi Ricomini Nunes; Hellen Delchova Rabelo; Denise Pinheiro Falcão; Marilucia Rocha de Almeida Picanço 2013	A importância da brinquedoteca hospitalar e da Terapia Ocupacional sob a óptica da equipe de enfermagem de um hospital público no Distrito Federal  Cadernos Terapia Ocupacional UFSCar	A utilização do brincar como forma de expressão das crianças no período de internação.	Com a aplicação do questionário à equipe de enfermagem pode-se analisar a visão desses profissionais. Percebeu-se como positiva a importância da brinquedoteca assim como do trabalho do terapeuta ocupacional e o desconhecimento do trabalho desse profissional e a influência do brincar na rotina desse contexto.	Extremamente necessária a utilização do brincar para a continuação do desenvolvimento da criança internada, na redução do estresse e melhora na socialização, com isso o trabalho do terapeuta ocupacional nesse contexto deve ser mais divulgado.
Nathália Rodrigues	As caixas de histórias	Análise da opinião de	As histórias, e qualquer	Através dos dados

<p>Garcia; Luzia Iara Pfeifer; Maria Paula Panúncio-Pinto</p> <p>2012</p>	<p>na visão de profissionais de saúde como estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil</p> <p>Revista Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo</p>	<p>profissionais de saúde sobre o programa de extensão Caixa de Histórias, onde 5 profissionais de saúde de uma Enfermaria Oncopediátrica responderam um questionário sobre o impacto do programa nas crianças hospitalizadas.</p>	<p>tipo de atividade lúdica e de recreação, auxiliam na recuperação da criança, pois permitem que esta se esqueça de seu sofrimento. Dessa forma, as crianças ficam mais a vontade, diminuindo o desconforto causado pelo ambiente hospitalar.</p>	<p>obtidos nesta pesquisa, concluiu-se que os profissionais ainda não compreendem os verdadeiros objetivos do Programa restringindo-o a uma técnica de distração. No entanto, percebeu-se que as 'caixas de histórias' são importantes recursos na melhora da qualidade da internação, ajuda no combate aos efeitos da hospitalização e facilitam a recuperação da criança.</p>
<p>Aide Mitie Kudo; Fernanda Viotti Parreira; Priscila Bagio Maria Barros; Simone Silva Santos Zamper</p> <p>2012</p>	<p>Construção do instrumento de avaliação de terapia ocupacional em contexto hospitalar pediátrico: sistematizando informações</p> <p>Cadernos Terapia Ocupacional UFSCar</p>	<p>Construção de um instrumento de avaliação onde o terapeuta ocupacional deve avaliar as crianças em relação ao enfrentamento da doença e repercussões da hospitalização no desempenho das habilidades nas áreas de ocupação</p>	<p>Não foram encontrados protocolos específicos, mas foram identificados temas centrais para embasar um instrumento não específico. Os aspectos abordados devem ser: repercussões em relação ao desenvolvimento da criança e organização de seu cotidiano em casa e no hospital; causas e consequências da não aderência ao tratamento; identificação das áreas de interesse, habilidades e potencialidades da criança; identificação da necessidade de avaliações específicas.</p>	<p>Devido à falta de instrumentos de avaliação específicos em relação ao impacto da hospitalização no cotidiano e/ou desenvolvimento infantil, foram utilizados instrumentos não específicos, que estão sendo utilizados como piloto na instituição para posterior análise.</p>
<p>Adriana Moniz da Silveira; Regina Helena Vitale Torkomian Joaquim; Daniel Marinho Cezar da Cruz</p> <p>2012</p>	<p>Tecnologia assistiva para a promoção de atividades da vida diária com crianças em contexto hospitalar</p> <p>Cadernos Terapia Ocupacional UFSCar</p>	<p>Com a caracterização da rotina de uma enfermaria pediátrica em relação ao desempenho de seus usuários, nas AVD - higiene pessoal, banho e alimentação e apontamentos dos possíveis usos da tecnologia assistiva referentes ao desempenho dessas AVD, houve a caracterização da rotina de um enfermaria pediátrica.</p>	<p>Há a demonstração das mudanças existentes nesse período de internação, seja na mudança do espaço físico, nos procedimentos que podem causar sofrimento ruptura do cotidiano.</p>	<p>Verificou-se a potencialidade da tecnologia assistiva pelo ponto de vista dos principais sujeitos envolvidos. Com a promoção da independência nas AVD de crianças internadas e a possibilidade de sugestões e discussões de recursos mais adequados.</p>



<p>Mariana Soares Lima; Lucieny Almohalha</p> <p>2011</p>	<p>Desvelando o papel do terapeuta ocupacional na oncologia pediátrica em contextos hospitalares</p> <p>Revista Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo</p>	<p>Investigar o papel do terapeuta ocupacional junto a crianças com câncer em contextos hospitalares, já que esse tratamento acarreta vivências de diferentes sentimentos devido ao tratamento e avanço da doença.</p>	<p>Reconhecimento da importância da intervenção terapêutica ocupacional com a necessidade de haver uma formação específica dentro da grade curricular durante a graduação em oncologia, para que o profissional formado seja habilitado para desenvolver seu trabalho, tornando-se mais válida sua ação nesse contexto.</p>	<p>Os terapeutas ocupacionais estavam focados em oferecer reabilitação funcional às crianças frente as limitações decorrentes da doença ou do tratamento, bem como um atendimento que visasse o acolhimento humanizado aos envolvidos no adoecimento.</p>
<p>Lucieny Almohalha; Ruth Maria Ribeiro Guerra</p> <p>2011</p>	<p>Identificação dos sinais neurocomportamentais de bebês pré-termo por profissionais que atuam na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN)</p> <p>Revista Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo</p>	<p>Investigação do nível de identificação pelos profissionais da UTIN, dos sinais neurocomportamentais de retraimento e aproximação apresentados por recém nascido pré-termo (RNPT), que são resposta a estímulos externos comuns ao ambiente da UTIN e oferecem dicas aos profissionais para suas intervenções</p>	<p>Com a aplicação do checklist, 45 profissionais, 80% de nível técnico e 20% de nível superior responderam. Dos 16 sinais de retraimento e 17 sinais de aproximação possíveis de assinalar, os profissionais de nível superior observaram 03 sinais de retraimento e 07 sinais de aproximação a mais que os de nível técnico.</p>	<p>A capacidade do profissional observar e intervir junto aos sinais neurocomportamentais é um dos passos para a humanização do atendimento. Essas ações não dependem de tecnologia e grande disponibilidade de recursos financeiros e sim a influência de fatores como: sobrecarga de trabalho; sutileza dos sinais; a observação ativa na prática diária; e a necessidade de capacitação.</p>
<p>Julie Souza Soares de Medeiros; Maria de Fátima Pessoa Tenório Mascarenhas</p> <p>2010</p>	<p>Banho humanizado em recém-nascidos prematuros de baixo peso em uma enfermaria canguru</p> <p>Revista Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo</p>	<p>Objetivou-se investigar a adequação do banho humanizado nos recém nascidos (RN) prematuros e de baixo peso internados em uma enfermaria canguru, identificando suas contribuições para a resposta adaptativa ao ambiente, já que o banho é uma prática de alta manipulação que gera desorganização e estresse ao RN.</p>	<p>O banho humanizado demonstra ser um procedimento que gera auto-organização nos RN prematuros e de baixo peso, pois propicia a homeostase promovendo harmonia e inter-relação entre os subsistemas, diminuindo o desgaste de energia e favorecendo o desenvolvimento sadio destes RN.</p>	<p>Para o recém nascido, o banho humanizado é mais adequado, pois proporciona melhor resposta adaptativa ao ambiente, promovendo organização dos sistemas comportamentais, motores, fisiológicos e de interação ao meio, contribuindo beneficemente para o desenvolvimento sadio dos mesmos.</p>
<p>Andréa Rizzo Dos Santos Boettger Giardinetto; Elisa Cressoni Martini; Jucele Aparecida Da Cruz; Lígia Oliveira Moni;</p>	<p>A importância da atuação da terapia ocupacional com a população infantil hospitalizada: a visão de profissionais da área da saúde</p>	<p>A equipe multidisciplinar de um hospital materno infantil descreve a importância da Terapia Ocupacional atuando nesse contexto</p>	<p>Após entrevistas semi estruturadas, os profissionais afirmaram que as crianças ficaram mais felizes, menos estressadas, e compreendiam melhor o tratamento, responde</p>	<p>Com a análise realizada, os profissionais que integram a equipe da enfermaria pediátrica e do ambulatório notaram diferenças tanto no</p>

<p>Luciane Modesto Ruiz; Patrícia Rodrigues; Tâmara Pereira</p> <p>2009</p>	<p>Cadernos Terapia Ocupacional UFSCar</p>		<p>melhor a todo esse processo após a atuação da Terapia Ocupacional.</p>	<p>comportamento dos pacientes e de seus acompanhantes quanto na dinâmica do hospital após as intervenções da Terapia Ocupacional.</p>
<p>Marli B. Santos Ribeiro; Marília Bernal; Elen Patrícia Gomes Zaponi</p> <p>2008</p>	<p>Relato da experiência de aprimorandas do programa de terapia ocupacional em saúde mental numa enfermaria de pediatria</p> <p>Cadernos Terapia Ocupacional UFSCar</p>	<p>A experiência de graduandas em uma enfermaria na intervenção grupal e/ou individual de crianças internadas e seus acompanhantes.</p>	<p>A intervenção proporcionou espaço de acolhimento e escuta dos acompanhantes, favorecendo a identificação de sentimentos, troca de experiências e a possibilidade de cuidarem de si. As crianças tiveram a possibilidade de se relacionarem, brincarem e serem estimuladas no seu desenvolvimento global.</p>	<p>Foi constatado que os acompanhantes necessitam de uma maior atenção, já que ficam em função apenas da criança internada e não recebem nenhum tipo de cuidado e, já que o terapeuta ocupacional engloba na sua formação, conhecimentos de diversas áreas, pode contribuir com o processo de humanização e valorização dessas pessoas nas enfermarias.</p>
<p>Erika da Silva Dittz; Daniela Cristina Cardoso de Melo; Zélia Maria Machado Pinheiro</p> <p>2006</p>	<p>A terapia ocupacional no contexto da assistência a mãe e a família de recém-nascidos internados em unidade de terapia intensiva</p> <p>Revista Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo</p>	<p>É relatado a importância da atuação da Terapia Ocupacional visando assistência integral e humanizada à mulher e ao recém-nascido, utilizando ações desenvolvidas junto à gestante de risco e à mãe e à família de recém-nascido internado respaldadas pelo referencial teórico e filosófico do cuidado centrado na família.</p>	<p>Contribuição de uma prática de assistência integral e preventiva, onde as intervenções não se restringem apenas à recuperação biológica do recém-nascido, mas são ampliadas para a família que necessita de atenção e cuidado.</p>	<p>Essa experiência tem possibilitado à mulher viver de forma mais saudável a gravidez e/ou internação de seu bebê, o estabelecimento do vínculo mãe-filho e família é favorecido devido à maior interação da mãe e da família com o bebê.</p>